

RESENHA 2

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Antimanual do mau historiador: Ou como se fazer uma boa história crítica.** Londrina: Eduel, 2007

Matheus Monteiro Silva¹

Rebeca Pereira Rodrigues²

“O ANTIMANUAL DO MAU HISTORIADOR OU COMO SE FAZER UMA BOA HISTÓRIA CRÍTICA?”

O livro em questão, “O antimanual do mau historiador ou como se fazer uma boa história crítica?” do autor mexicano Carlos Antonio Aguirre Rojas, discursa sobre a importância da teoria e metodologia da história crítica, da historiografia e do ofício do historiador, fundamentando sua base argumentativa no ambiente acadêmico do México e na América Latina como um todo. Segundo ele o positivismo ainda exerce forte influência na maneira de se praticar, ensinar, e pesquisar a história em seu país, levando consigo uma ferrenha crítica a escola metódica nos seis capítulos de seu livro, descrevendo-a como enfadonha, condescendente com os interesses elitistas, preguiçosa e estéril.

O escritor é um cientista social nascido em 1955, formou-se doutor em economia pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e pós-doutor em história pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, situada em Paris. Atualmente é pesquisador no Instituto de Investigações Sociais da UNAM, docente na Escola Nacional de Antropologia e História do México, além de ser um importante partidário em prol da história crítica e defensor das lutas sociais antissistêmicas, principalmente, as do movimento zapatista.

Seus trabalhos traduzidos para outros idiomas, difundidos e considerados por toda a América Latina e Europa, em especial o aqui analisado, ampliam largamente a visão do leitor em relação a história. As principais abordagens de sua bibliografia e pesquisas histórico-sociais concentram-se na história social, historiografia do século xx, história dos novos movimentos sociais na América Latina e metodologia histórica.

Sua obra em análise nesse texto, mostra ser de caráter marxista, e pretende nos orientar quanto aos caminhos que devem ser tomados para se tornar um bom historiador, e

¹ Aluno do curso de Licenciatura em História UFPE

² Aluna do curso de Licenciatura em História UFPE

com isso praticar uma nova história verdadeiramente científica, crítica, dialética e global. Sem dúvida um texto importante para qualquer iniciante ao aprendizado do ofício de historiador.

Na intenção de despertar o sentimento de combate ao pensamento positivista e de estabelecer um melhor entendimento das idéias que pretende passar ao leitor, percebe-se no autor a demasia de exemplos, a repetição intencional de argumentos similares e a riqueza de sinônimos, tornando-se com isso prolixo em determinados momentos da sua obra.

Fazendo referência em passagens de seu livro ao pós-modernismo, o autor aborda-o com uma visão generalizadora, que uniformiza e elimina suas vertentes além de contrapô-lo ao marxismo. Ao longo de todo o seu trabalho, Rojas faz nascer um sentimento dicotomizador: O bom historiador, fundamentado na conduta annalista e marxista, e o mau historiador, preso aos preceitos limitados do positivismo ou aos “desvarios idealistas”¹ do pós-modernismo, desembocando mais uma vez em uma concepção dualista, não abrindo brechas a particularidades.

Segundo o escritor, há uma forte influência positivista em toda a América Latina, o que não corresponde à verdade, visto que a realidade das instituições de ensino acadêmico brasileiras difere de tal concepção, pois nessas pode ser constatado o combate a tais práticas limitadoras.

O principal objetivo do livro corresponde à orientação de como não se fazer uma história positivista, tendo por base várias lições que podem ser tiradas das principais linhas de pensamento da história crítica. Inovador na maneira de expor seus conhecimentos através de um antimanual, trazendo antidefinições, anticonceitos e antinoções, dá importância ao que não se deve fazer para conseguir produzir uma história fértil, frutífera, que possa gerar novos olhares diante de um mesmo fato histórico.

Rojas diz: “Sabemos agora que não queremos continuar fazendo, ensinando e aprendendo a história positivista, tradicional, e oficial [...] queremos pelo contrário, fazer uma história crítica, científica, global e dialética. Não desejamos continuar a fazer microhistórias locais e irrelevantes de pequenos espaços, povos ou regiões, como universos isolados e auto-suficientes, que parecem flutuar no ar. Pelo contrário, queremos microhistórias ao estilo da italiana, que vinculam o local ao geral, e que no estudo do caso ou do personagem não se esquecem jamais das possíveis lições de ordem geral que tal estudo [...] fornece.”². Essa exposição é importante no sentido de compreender que os fatos históricos não contêm somente um lado a ser contado, repassado, mas eles devem ser entendidos em uma análise abrangente, isto é, tanto dos líderes, “dos grandes personagens” e das elites quanto das

camadas populares, da coletividade, admitindo que ambos os lados têm a sua parcela de contribuição na história, sem possibilidade de somente um dos dois construí-la como um todo.

Seu livro contém uma leitura fácil, que flui sem maiores complicações, não usando termos tão difíceis de serem compreendidos, e generalizações que foram necessárias a Rojas para conseguir ter uma grande abrangência das suas idéias. Todas as suas falhas que são vistas no decorrer da leitura, dá-se pela tentativa de um esforço pedagógico, na intenção de ser facilitador do seu conhecimento, do seu ponto de vista. Acreditamos que tal obra é de grande relevância para a formação de uma consciência crítica, visto que traz consigo uma boa e rápida orientação de reflexão histórica.